

Governo esquece

Prazo de permanência em Sobradinho

QF - Jornalista

CIDADE

ex-invasores da 110 Norte

já expirou; famílias continuam sem saber para onde vão

CRUZ

JOÃO PAULO BARBOSA
Da Editoria de Cidade

Abandonados pelas autoridades e esquecidos pelas lideranças externas, que os insuflaram a resistir à remoção, ocupar a paróquia de Nossa Senhora das Graças e em seguida a rampa do Congresso, os remanescentes da favela da 110 Norte vivem um drama no Centro de Desenvolvimento Social — CDS de Sobradinho. Adultos e crianças convivem em ambiente promíscuo e abafado, sujeitos a goteiras nos dias de chuva, e a risco de acidentes. Nos oito meses de ocupação nasceu igual número de crianças.

Os ocupantes do CDS foram levados ao local pelo presidente da Fundação do Serviço Social, Gustavo Ribeiro, à revelia do secretário Adolfo Lopes. A ocupação do galpão onde estão instalados fez o CDS suspender uma série de programações ali realizadas ou transferi-las para locais inadequados. Os favelados se mantêm no firme propósito de só aceitar transferência para áreas no DF, Brasília e Barrolândia, para eles, são palavras malditas.

ABANDONO

Além de perderem a cesta básica, fornecida só nos

dois primeiros meses — prazo estabelecido pelo GDF para permanência — os favelados deixaram de contar com o apoio, entre outros, da assistente social Jana Lima, que por conta própria lhes deu assistência na igreja e na rampa do Congresso. Ela não aparece há dois meses, segundo Irecê Souza Clementino, que vive no galpão com quatro filhos pequenos.

Da última vez em que Jana apareceu, trouxe proposta de transferência para cidades goianas do Entorno. Outro a desaparecer foi o professor Euvaldo Antunes. Conforme diz William de tal, favelado que monta guarda à entrada do galpão, "o professor agora só vive pescando no Araújo".

Irecê diz que nem a diretora do CDS, Maria Neuza Ribeiro, lhes dá assistência, embora, segundo assessores, "acompanhe o caso de perto". Maria Neuza costuma dizer aos favelados que "não tem nada a ver com eles". A alegação é terem sido postos "pelo Gustavo Ribeiro, do PMDB, enquanto que o secretário Adolfo Lopes é do PFL".

José de Andrade, aposentado pelo INPS por cardiopatia grave, vive num cubículo delimitado por co-

bertores e papelão — como a totalidade dos ocupantes do galpão — com a mulher Maria do Carmo e três filhos. O caçula, uma menina batizada como Juscélia, nasceu no galpão e está com três meses. Maria do Carmo desconfia que esteja novamente grávida.

Francisca Lima espera para o próximo mês a nona criança a nascer no galpão. É seu primeiro filho. Teme ficar muito tempo no galpão, e que a criança cresça correndo os mesmos riscos do filho de Maria José, companheira do guarda de vigilância Ademar Andrade da Cruz. Os dois fizeram seu "barraco" num vão com três metros de altura, para onde sobem numa escada de pedreiro.

As paredes são pneus sobrepostos, e quando John Davis, de sete meses, filho de Maria José, acorda antes deles, engatinha na direção dos pneus, arriscando-se a cair. Por isso, Maria José o deixa "embaixo" o dia todo, e o vão onde cozinha a comida do casal, em fogareiro colado à cama, vigia o menino entregue a crianças pequenas que perambulam pelo galpão, entrando nos diversos "barracos".

A tensão é uma constante no galpão do CDS. Brigas de casal são assistidas por todos. Há os que se embriagam, provocando desordens. As luzes, acesas até altas horas, incomodam os que se levantam cedo para trabalhar. O problema é que as chaves ficam no compartimento ocupado pela doméstica Carolina da Silva Prata, que trabalha no Plano e só retorna por volta de 23h.

A rede de esgotos há muito estourou, e os dejetos lançados na via pública. Funcionários do CDS tiveram de mudar seu trajeto habitual devido ao mau cheiro e à ameaça de contaminação na rua por onde passavam.



Invasores resistem à remoção para fora do DF